

# PIM • PAM • PUM



DIRECTOR: AUGUSTO

DE SANTA-RITA

## A LENDA do TEMPO

Por RIBEIRO ANTUNES

**A** lenda que hoje começo a contar aos meus leitorzinhos é verdadeira e tem, sobretudo, o benefício de esclarecê-los convenientemente acerca duma errada convicção.

A divisão do tempo em quatro estações, em anos, em horas, em minutos, em dias, em noites, não é (como julgam muitas pessoas), uma invenção dos homens para regulamentação da da Vida.

Os nossos antepassados, bisavós e avós, afirmavam que a Lenda do Tempo é a mais verdadeira de todas as que correm o mundo, de boca em boca...

Em Liguri, país que já não existe, viveu, há mais de dez mil anos, um príncipe muito bondoso para todos, e que, por isso, gozava de muita estima.

Protegia, especialmente, os animais e os pobres.

Recebia-os no palácio real, contra a vontade de seu pai, rei austero e mau, a quem o povo odiava. Muitas vezes, devido à protecção que o príncipe dava ao povo, seu pai o castigou, fazendo-o

prender numa torre e alimentando-o a pão e água.

O povo protestava em alta grita, mas isto só servia para os mais exaltados serem castigados na praça pública com vinte ou trinta chicotadas.

Contudo, o príncipe nunca deixou de satisfazer os seus anseios de generosidade, que é uma das mais belas virtudes que os homens podem ter. E, assim, era conhecido em todo o reino pelo príncipe do coração de ouro.

Era assim que o povo lhe chamava, mas o seu nome de baptismo era Tempo.

Quando seu pai morreu, o príncipe Tempo subiu ao trôno.

Realizaram-se festas deslumbrantes. Um grande cortejo de pagens, guerreiros, estandartes e armas, atravessou as ruas da capital do reino, ao som de estridentes trombetas.

Nas praças públicas executaram-se dansas e cantares até altas horas da noite. O povo endoideceu de alegria.

Para pôr cóbro àquele desacato, foi preciso o príncipe do coração de ouro

(Continua na pág. 3)



## A GATA e o CÃO

Por LAURA CHAVES

**N**A quinta da tia Rita, viviam bem, sem questão, uma gatinha, a Catita, e um cachorrinho, o Pimpão.

A gata era mais idosa do que o cão, e, como tal, dava-lhe, tôda zelosa, educação maternal.

Dizia-lhe, pois, a gata: — «Toma cautela, rafeiro... Tu não faças zaragata, tu não ladres ao carneiro...

Não estejas sempre a ganir, não corras atrás do rabo, olha que podes cair e do miolo dar cabo.



Não persigas os pardais que é fraquíssima comida... Coitados dos animais, tudo tem direito à vida.»

Falava assim a Catita em tom severo, preciso, e o cão, com a orelha fita, prometia ter juízo.

Sabe Deus o que custou ao desgraçado Pimpão! Mas, por fim, lá se emendou... Tinha bom fundo êsse cão.

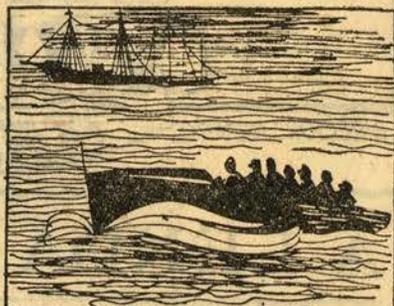
Mas sucedeu, certa vez, a Catita ter gatinhos quando a galinha pedrês tirou os seus pintainhos.

Êstes logo debicaram à procura de algum grão e os instintos acordaram dentro da alma do cão.

(Continua na pág. 5)

# FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

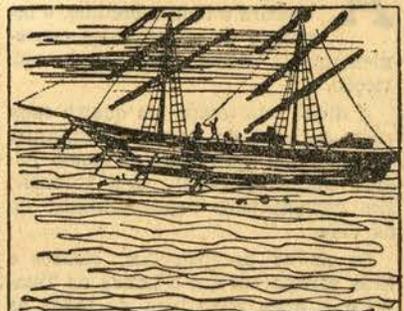
(Continuado do penúltimo número)



**C**ARALAROCA e Fajoca consideraram-se perdidos, decidindo, por isso, vender cara a vida, opondo tenaz resistência. Em razão disto, esta-

beleceu-se a bordo grosso borborinho, fervendo sóco e pontapé de... «criar bicho». Caralaroca agarrou valentemente um dos assaltantes por uma orelha,

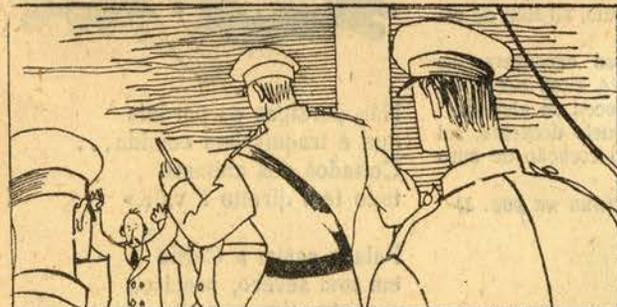
enquanto Fajoca travava heroicamente uma feroz luta, de corpo-a-corpo, com outro. A superioridade numérica dos seus inimigos estava, porém, prestes a



esmagá-los. Valeu-lhes o acaso providencial de ir passando, naquele momento, junto do lugre, uma das vedetas da Polícia Marítima, que fazia a

sua ronda habitual e cujos tripulantes, verificando com surpresa que algo de anormal se passava a bordo, para ali se dirigiram imediatamente. A aproxima-

ção da vedeta, todos, excepto os nossos dois valentes, se atiraram à água, pela amurada oposta àquela a que a vedeta atracara, desaparecendo no es-

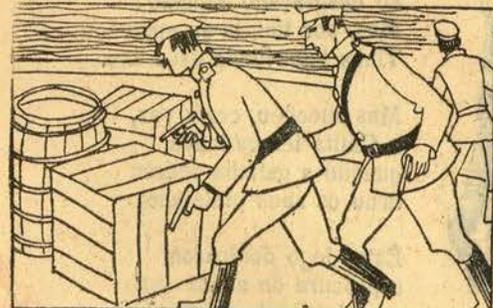


curo da noite, em direcção à terra, para a qual nadaram com energia.

Uma vez a bordo e encontrando apenas Fajoca e Caralaroca no convés, a

polícia decidiu, após ter sido posta ao corrente dos acontecimentos, passar uma rigorosa busca a todo o navio. Daí a pouco e com grande espanto ge-

ral, eram encontrados, jazendo no fundo de um dos porões, três dos tripulantes, fortemente amarrados e amordaçados!



Retiradas imediatamente as mordanças, a polícia verifica uma coisa horrível: um dos homens está morto!... Quem teria sido o assassino? Como su-

cedera uma coisa daquelas, tão horrível? A polícia perdia-se em conjecturas, e tu, leitor amigo, ficas também uma semana a pensar, a ver se és ca-

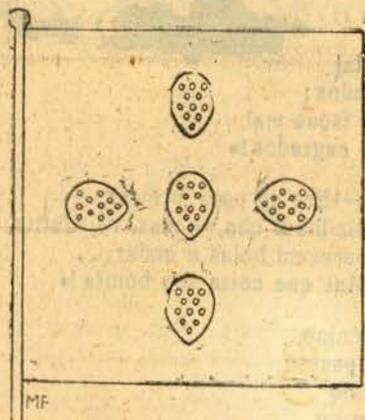
paz de descobrir como aquilo foi!

Se acertares, podes considerá-rt e um bom «detective»!...

(Continua)

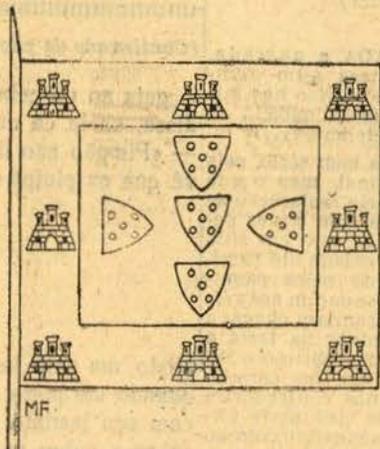
# BANDEIRAS DE PORTUGUAL

(Desenhos para colorir)



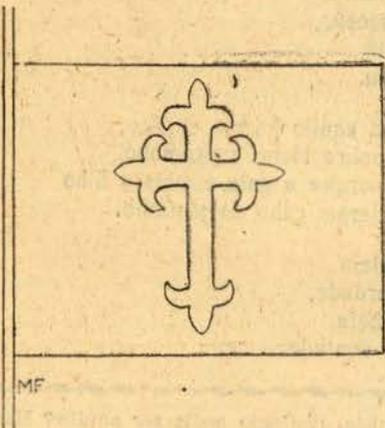
5 — Bandeira de D. Sancho I

O fundo é branco, com cinco escudetes azuis. Cada escudete tem onze besantes brancos. (1185-1211)



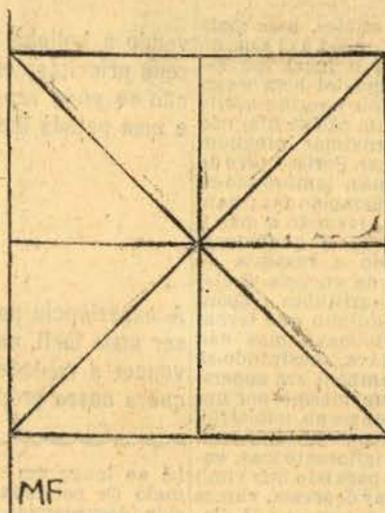
6 — Bandeira de D. Afonso III

Castelos amarelos sôbre uma orla carmezim. Quinas azuis com os besantes brancos.



7 — Bandeira de Avis

A bandeira da ordem de Avis, vitoriosa em mil batalhas, é branca com a cruz floreteada em verde.

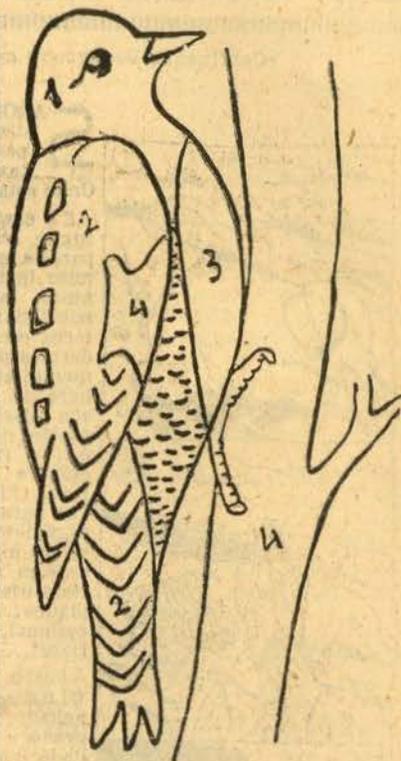


8 — Bandeira de Lisboa

Colorida, alternadamente, os espaços a preto, de maneira a dar o aspecto de uma cruz, ter-se-à o estandarte da municipalidade.

## NO REINO DOS BICHOS

(Desenho para colorir)



### PICA-PAU

O pica-pau é da família das trepadeiras. Esta variedade, pica-pau vermelho, tem as seguintes cores: encarnado (1), preto (2) com manchas e listas brancas, amarelo (3) e castanho (4). O tronco é desta última cor.

### SERAPIÃO TRAPALHÃO

(Continuado da pág. 4)

Passada a emoção, voltou a decisão que ao sertão os levava: procurar, mesmo «à má cara», a mina que lhes permitisse à Metrópole regressar, sem que ninguém se risse por virem «a abanar»! Pouco já pode faltar, mas como causa embaraço a grande falta de espaço, por hoje há que terminar, deixando o resto da gana para a próxima semana, se Deus assim o quiser! Portanto, até mais ver e como não sei ainda o que mais haverá, dá-se esta por finda mas outra...

(Continuará!)

## A LENDA DO TEMPO

(Continuado da página 1)

fazer uma proclamação, em que dizia ao povo a sua mágoa pelo defunto rei, que, apesar de mau, era seu pai, e, por essa razão, merecia o respeito e indulgência de todos. Foi devido a esta virtuosa manifestação de amor filial que, no dia seguinte, à passagem do féretro

real, o povo se curvou, respeitosamente, embora na sua atitude houvesse mais homenagem às virtudes do filho do que aos defeitos do pai.

Aconselhado pelos nobres da sua corte, o rei Tempo decidiu casar-se. Caiu a escolha numa bondosa e linda princesa de um reino vizinho, chamada Primavera, e, assim como o seu futuro marido protegia os mendigos e os animais, também a princesa Primavera tinha uma grande adoração: — as flores. Nunca as colhia do seu sítio pró-

prio. Limitava-se a olhar para elas, deliciando-se com o seu aroma.

Deixava-as viver e morrer onde tinham nascido, tratando-as sempre com o maior carinho.

Algum tempo depois do casamento do rei Tempo com a princesa Primavera, esta foi raptada por um invejoso feiticeiro, chamado Furacão, senhor dum grande floresta, e que assim quis vingar-se da popularidade do rei

(Continua na página 6)

# SERAPIÃO TRAPALHÃO A GATA EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado do numero anterior)

# A GATA e o CÃO

(Continuado da página 1)



A gata ao perceber tal disse, cheia de cuidados: — «Pimpão não lhes faça mal. vê que os pintos são sagrados!»

— «Era só para brincar, — diz-lhe o cão, — mas, vê, Catita, parecem bolas a andar... Mas que coisa tão bonita!»

Nisto, um gato pequenino, quando um pinto ali passou, com seu instinto felino sobre o pobre se lançou.

O pinto logo caiu dando vários rebolões... A gata que tudo viu, já cheia de tentações,

vendo a bolinha a bulir seus princípios esqueceu, não se pôde reprimir e uma patada lhe deu.

E aquilo foi um sarilho, pobre bicho, coitadinho, porque a gata e mais o filho deram cabo do pintinho.

A experiência patenteia ser mais fácil, na verdade, vencer a vontade alheia que a nossa própria vontade.

Lá ao longe em manada, no meio da poeirada e em corrida desordenada, passava uma bicharada por eles des- admiração, se ficou extasiado ainda um bom bocado, enquanto se afastava o que tanto admirava.

(Continua na página 3)

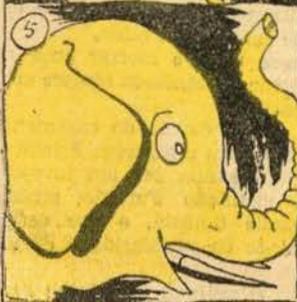


SABOREADA a gemada, diz Lucas num rompante: — «Não nos faltava mais nada!... Onde está o elefante?...»

E o caso era bem sério, pois fugira o animal, mas o que parecia mistério esclareceu-se num instante sem haver nenhum mal. E' que em sítio não distante, existia um cemitério, escolhido pelos paquidermes, para se darem aos vermes, quando sentiam chegar a hora de terminar na terra a sua missão. Descobriu-o o Serapião com dor no coração e... o riso nos contra-fortes embora fôsse dos mais fortes!... Ficara sensibilizado, ao ver para ali espalhado tanto esqueleto sem fim. O que ali a de marfim! Ah! Se o pudessem levar!... Como ficariam ufanos vendendo-o para planos!... E como entiquetariam!... Mas, como o levariam!...



Porém, nem eles, nem mais ninguém, mexeriam no achado, pois o local era sagrado e como tal bem guardado por um enorme gorila que, como um cão de fila, não deixava aproximar ninguém daquele lugar. Porisso teve de retirar-se mas, lembrando-se do Tarzan, Serapião faz: han, han, han... levando a mão à boca em atitude de quem toca, logo ouvindo a resposta do outro lado da encosta. O elefante, num «gritinho», respondeu ao amiguinho que ternamente o chamava mas não se aproximava, mostrando-se receoso. Também era supersticioso e nem mesmo por um império passaria ao cemitério. (Como o nosso elefante, há também muito ignorante mas, enfim, não foi para isto que vim!) E, para andar depressa, vamos lá ao que interessa: O elefante fugira por causa do que descobrira e, dentro em pouco, outra vez, reuniam-se todos os três com a maior alegria. Que bem que tudo corria! Findos os beijos e os abraços, ei-los em novos embaraços.



Como podia ser aquilo? Mas que grande pescoço! Diz sentindo um carço na garganta o Serapião que, trêmulo de admiração, se ficou extasiado ainda um bom bocado, enquanto se afastava o que tanto admirava.



# ONZE MESES NUMA ILHA SELVAGEM

por ZINA CABRAL

**M**ARILIA e Julio saíram de Portugal, numa grande viagem, acompanhando a mãe e o pai, porque este fora nomeado nosso representante numa cidade estrangeira.

A viagem decorria maravilhosa, sob um tempo lindíssimo, e os pequenos iam encantados!...

A certa altura, porém, já quasi noite e no mar alto, negras nuvens, correndo, adensando-se, empurradas por violento tufão, fizeram carregar o sobrolho ao comandante do navio, em preságio de borrasca, e sobressaltar os viajantes que, casualmente, se encontravam na tolda, a passear ou a ler.

Perigava a vida de todos!

Marília e Julio, em baixo, na sala, não haviam dado por coisa alguma, o mesmo sucedendo a muitos passageiros.

O comandante tomou rápidas e devidas precauções, mas não lhe foi possível evitar o cruel desfecho; na luta do vapor com as vagas alterosas, venceram estas e, entre os frágeis batéis, a navegar no mal alto, numa ânsia enorme de salvar os naufragos sobreviventes, encontrava-se o dos nossos pequenos, que já se haviam perdido dos pais e agora choravam, rezando à Virgem pela salvação de todos.

Os barquinhos, zigzagueando entre a fúria da tempestade, iam desaparecendo, uns levados pela força das águas, outros despedaçados contra as rochas, e entre gritos de angústia e pedidos de socorro!

Um horror!!

Eis que o seu próprio barquito violentamente é atirado contra qualquer coisa (que nem tempo houve de ver o que era), e, com estrépito, se abriu, mergulhando, de súbito, nas ondas revôltas, todos quantos iam dentro.

Marília e Julio mal tiveram tempo de exclamar:

— «Deus nos acuda!».

E perderam os sentidos, engulidos pelas águas.

\*

Numa enorme ilha, belamente arborizada e habitada por grande número de selvagens e de animais ferozes, aglomerada-se junto à praia, um grupo de habitantes, gritando... gesticulando... perante os corpitos rígidos de duas crianças, que o temporal para all acarretara.



Apalpam-lhes a testa, auscultam-lhes o peito, enquanto os esfregam com líquidos por eles extraídos de sucos de folhas.

Para uma ansiedade em todos os rostos presentes, até que se nota uma coloração lenta, subindo às faces das duas crianças, e pelos gritos e guin-

chos dos assistentes, depreende-se do seu contentamento.

Estas duas crianças são Marília e Julio.

Abrindo os olhitos, com um profundo suspiro, ficam admirados e estarecidos, ao verem-se em local desconhecido entre gente horrível e exótica, feia acobreada, desnudada, e simplesmente resguardada por pequenas tangas.

Alguns — talvez os chefes — adornam as cabeças com coloridas penas.

Os pequenos sentam-se, a tremer de susto, ao pensar que aquela gente podia ser má e querer comê-los, segundo várias histórias que a velha ama lhes contara, e que, depois, haviam lido acerca dos selvagens espalhados por uma parte inculta do globo.

Mas, felizmente, ou porque estes não tivessem fome, ou porque fossem bons, ou porque se admirassem de ver crianças brancas e as crêsem envidadas pelo seu Deus, o caso é que não lhes fizeram mal algum, antes os afagaram e os levaram ao colo para as suas cabanas, abrigadas pela própria floresta.

No meio de tal gente, os nossos petizes viveram, primeiro, em sobressalto, depois já tranquilos.

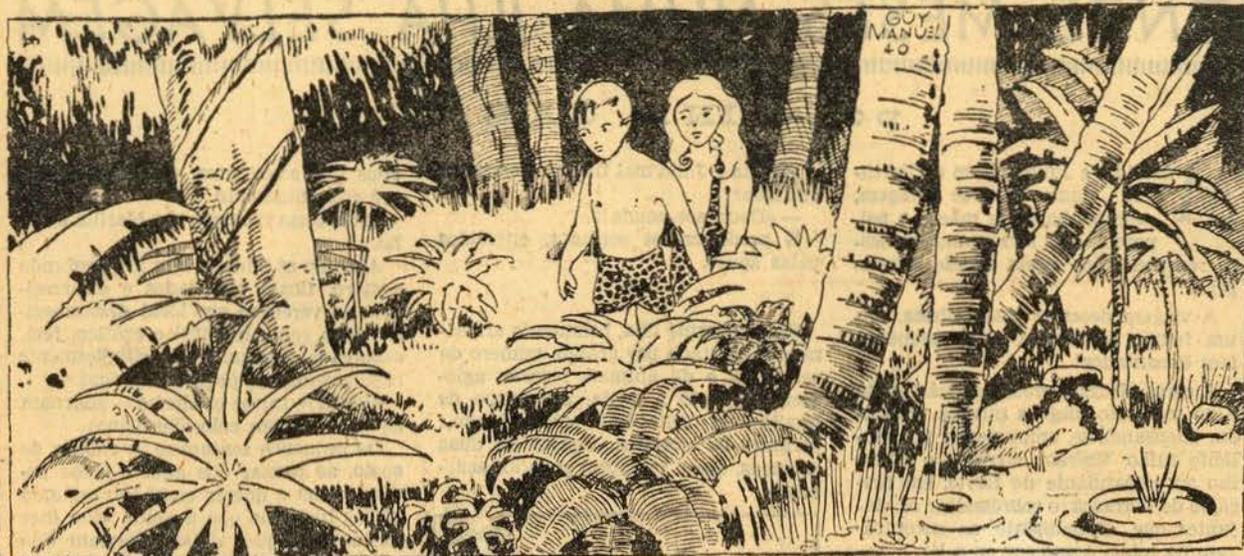
Os dias decorriam entre a preparação das refeições que, a êle, coitados, ao princípio repugnavam, mas que agora, habituados, já digeriam bem, fôlhas de arbustos, frutos, carnes de caça, mal assada em espetos, ou peixes pescados à beira-mar ou mais longe, navegando em canoas tôscas, feitas de troncos de árvores, e entre caçadas aos animais ferozes das florestas próximas, porque, como já se disse, a ilha era enorme.

As camas eram sobre a terra. Colchões e cobertores, simples peles de animais, já dissecadas.

Comiam à mão, em tôscas tigelas de



GUY MANUEL 5-4-40



madeira, mas arranjaram ossos secos e espalmados para servirem de garfos e colheres aos nossos petizes.

Tódas as noites, ao recolher (e recolhiam-se cedinho, porque a iluminação artificial era desconhecida dos habitantes da ilha), os meninos pensavam se os pais teriam morrido na catástrofe, ou se se teriam salvo, e rogavam a Deus por eles e por todos os passageiros do vapor naufragado, pedindo, também, se desse o milagre de poderem voltar a ver o seu lindo pais e abraçar a família e os amigos.

Sempre que lhes era possível, ficavam no areal a brincar, na esperança de ver passar algum navio, a que acessem.

Desde a chegada, usavam tanguinha, como os habitantes, e as roupinhas es-

tavam guardadas na cabana, mas Marília tinha sempre o cuidado de escon-



der, sob a tanga, a camisinha branca, que lhe poderia servir de bandeira, para pedir socorro.

A vida ali, embora parecesse pacata, oferecia muitos perigos, principalmente quando iam à caça de animais ferozes, e, conquanto sempre protegidos pela tribo, que nunca os deixava, os petizes tremiam e horrorizavam-se quando ouviam os uivos e os rugidos das feras e as viam cair nas ciladas ou sob a acção das setas que os selvagens atiravam, com arcos primitivos.

Achegavam-se, então, bem um ao outro, fechando os olhos, com receio de que a fera, livre da cilada, ou mal atingida pelas flechas, viesse, furiosa, investir contra eles, despedaçando-os entre as fauces!

(Continua)

## A LENDA do TEMPO (Continuação da pág. 3)

Tempo, pois não admitia que o povo gostasse mais do rei do que dele.

Desolado, mas energético, o rei Tempo imediatamente reuniu a sua corte e, entre os nobres, escolheu três dos que lhe mereciam mais confiança: — Dom Verão, Dom Outono e Dom Inverno.

Com aparente serenidade, disse-lhes apenas estas palavras:

— «À saída do nosso reino, temos três estradas... Tu, Dom Verão, irás pela da esquerda. Tu, Dom Outono, caminharás pela estrada do meio. E tu, Dom Inverno, seguirás pela da direita... Serão grandes os perigos e obstáculos, mas espero da vossa ciência e argúcia que saberão resolvê-los e, dentro de um mês, a rainha poderá sentar-se, novamente, neste trôno... Ide!».

Os nobres despediram-se e partiram. Quando chegaram à encruzilhada, cada um deles seguiu pela estrada que o rei lhes havia indicado, embrenhando-se na grande floresta.

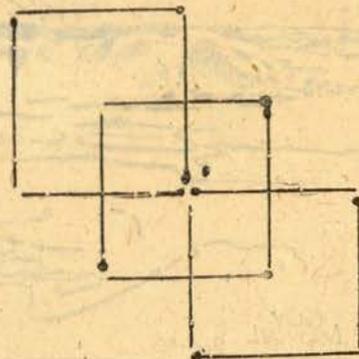
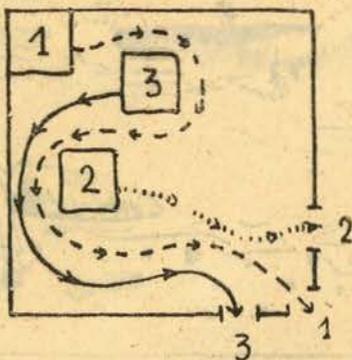
Para salvarem a rainha Primavera das garras do Furacão, eles sabiam que tinham de enfrentar perigosos segredos da floresta e jogar a vida perante o poder mágico do feiticeiro.

Cheios de fé, de confiança e de co-

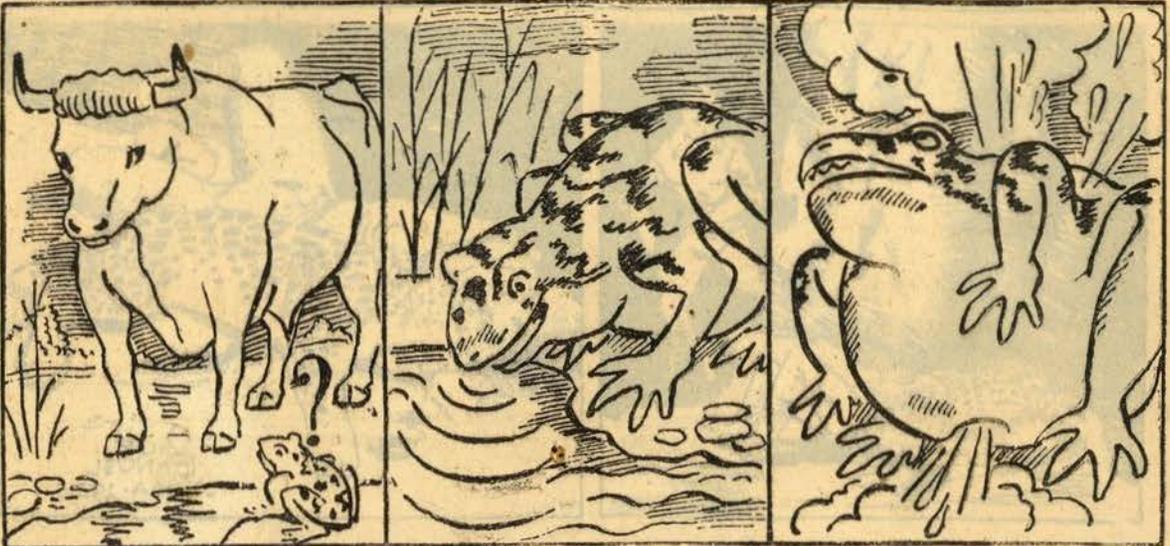
ragem, caminharam pela estrada fóra... Deixemo-lôs ir...

No próximo número contarei aos meus leitorzinhos o que aconteceu aos três valentes e nobres emissários do rei Tempo...

## SOLUÇÃO dos PROBLEMAS ANTERIORES



FÁBULA MUDA



NOVO CONCURSO DE LEGENDAS A PRÊMIO

Em virtude do entusiasmo com que são sempre acolhidos êstes nossos concursos, abrimos hoje mais êste, nas mesmas condições já expostas.

DECISÃO DO JÚRI, DO CONCURSO ANTERIOR

O prêmio foi atribuído ao menino Emérico Freire de Menezes, morador na rua José da Silva Fonseca, N.º 13 — (Rua da Lomba), Figueira da Foz, autor das legendas que abaixo publicamos.

Foram consideradas dignas de menção honrosa as composições da auto-

ria dos meninos: — Guilherme Rodrigues, da *Amadora*, Maria Emília Veiga Lopes, de *Elvas*, Ângela S. Nunes, de *Lisboa*, Nuno José Machado Carneiro, de *Brito*, *Messejana*, Maria Luíza Pacheco, de *Lisboa*.

São dignas de referência especial as legendas dos meninos: — Eugénio

Raul Rosa Simão, Isabel Gonçalves, Gabriel Campos, Maria Alice Mesquita da Cunha, Rogério de Matos Pires, João Carlos Simões Franco, Maria João Ribeiro, Flecha Sibilante, Maria do Rosário Gonçalves, Pedro Salvador Pires, Fernando Pereira, Manuel Roma e Gabriela Rodrigues.

A MENINA GORDA E A CADEIRA DE MOLAS NEM SEMPRE O DITADO É CERTO

I — Laroca, bucha ladina, e teimosa até mais não, na ausência da mamázinha, foi lanchar para o salão.

II — As criadas, impotentes perante tal teimosia,

deixaram; pensando e bem que o castigo lá viria.

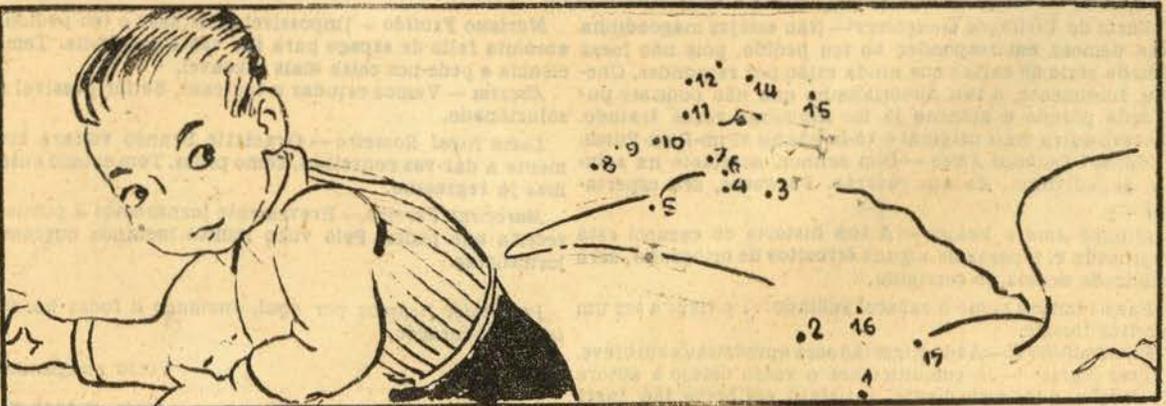
III — Não tardou; pois que a Larocas escolheu, p'ra se sentar, certa cadeira de molas e começou a saltar.

VI — De repente, não sei como, as molas dão um esticão, num salto vê as estrélas e cai redonda no chão.

V — Ficou assim castigada... «Que ao menino e ao borracho» Deus nem sempre está disposto a deitar-lhe a mão por baixo.

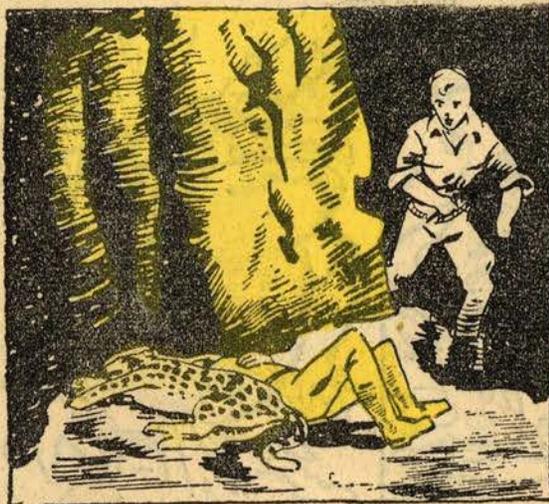
Américo Freire de Menezes — Classificado em 1.º lugar em redacção, na Escola Conde Ferreira, da Figueira da Foz.

PORQUE FOGE ASSUSTADO ESTE MENINO?



Liguem com um traço os pontos numerados

# NO ANTRO dos LEOPARDOS—(Conclusão)



Nyanja entregou-lhe a lança, dizendo-lhe que ia tirar a rocha e recomendou-lhe que se conservasse junto da abertura, pronto a defender o preto e a ele próprio, se fôsem atacados.

Burteau, encostado à parede, esperava, com o coração sobressaltado, que Nyanja deslucasse a grande pedra com os seus braços hercúleos.

Mas a sua expectativa foi vã. A gruta estava agora livre e ninguém saía. Com a maior prudência, os dois homens penetraram, então, no interior.

De repente, Daniel deteve-se com uma exclamação sufocada. Junto do umbral, duas formas estavam estendidas, uma cobrindo a outra, cercadas por um pequeno lago de sangue: eram os corpos de Potter e dum magnífico leopardo. No meio do sangue, um montão de pequenas pedras, que a luz do dia,

vinda de fóra, fazia vagamente cintilar. Eram diamantes brutos!

Armando-se com as espingardas encontradas junto do doutor, Nyanja e Daniel puderam explorar a caverna mais para diante e compreenderam, assim, a origem do drama.

Por um buraco na abóbada, viram que comunicava com uma gruta superior, que servia de antro a uma ninhada de leopardos.

De maneira que a cobiça do doutor, tinha sido terrivelmente castigada, porque uma das feras, que ficara no covil, deixara-se cair sobre os ombros do doutor, no momento em que ele voltava para a entrada, sem dúvida depois de ter descoberto que a caverna era uma verdadeira mina de diamantes...

Os dois irmãos e Nyanja passaram uma semana inteira em Busumbala,

a-fim-de que Jaime se restabelecesse.

O doutor foi enterrado e os Burteau juntaram as suas bagagens para as levar à costa e fazê-las chegar à América. Porém, generosamente, contentaram-se em relatar, mais tarde, que o dr. Potter tinha sido morto por uma fera, quando caçava.

Quanto a eles, a fortuna sorriu-lhes, a partir de então. Não querendo eles próprios explorar a mina descoberta, porque tomaram horror à África, venderam-na por um bom preço, como se calcula, e compraram, em França, uma bela herdade, onde resolveram acabar os seus dias com Nyanja.

F

I

M

## CORRESPONDENCIA

**Maria da Visitação Gonçalves** — Não estejas magoadinha pela demora em responder ao teu pedido, pois não fazes idéa da série de cartas que ainda estão por responder. Chegou, finalmente, a tua históriazinha que não pode ser publicada porque o assunto já foi inúmeras vezes tratado. Escreve outra mais original e vê-la-hás no «Pim-Pam-Pum».

**Manuel Pacheco Alves** — Sim senhor, acertaste na solução da adivinha. És um «barra». Parabens, seu espertalhão.

**Ramiro Amaro Veloso** — A tua história do caracol está engraçada e, a-pesar de alguns errozitos de ortografia, será publicada depois de corrigida.

Faze também como o caracol subindo... e virás a ser um escritor ilustre.

**Fernandinho X** — A tua sugestão será aproveitada em breve.

**Três Marias** — Já comunicámos o vosso desejo à autora da secção, que, certamente, satisfará em breve tão justo pedido.

**Mariano Froilão** — Impossível satisfazer o teu pedido por absoluta falta de espaço para tão vasta exigência. Tem paciência e pede-nos coisa mais razoável.

**Abezim** — Vamos estudar o teu caso. Se fôr possível será solucionado.

**Luitza Rival Romeiro** — Graciete Branco voltará brevemente a dar-vos conselhos, como pedes. Tem estado ausente mas já regressou.

**Marcelino Pereira** — Brevemente tornaremos a publicar a receita que pedes. Pelo visto muitos meninos querem ser jornalistas.

Por hoje, ficamos por aqui, enviando a todos um apertado Chi-coração,

Vosso amiguinho

TIO PAULO